

**INTERVENÇÃO DE  
DE SUA EXCELÊNCIA O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, POR OCASIÃO  
DA CONFERÊNCIA “PRIORIDADE À CIÊNCIA”**

**Lisboa, 31 de Maio de 2004**

Em primeiro lugar, uma saudação ao Senhor Comissário Busquin, ficamos todos muito agradados e naturalmente agradecidos pela sua presença, o que dá a este conjunto de colóquios uma evidência que muito me apraz registar.

Há cerca de quatro meses, recebi o Conselho dos Laboratórios Associados, pois tenho manifestado pelas questões da Ciência aquilo que penso ser meu dever e meu gosto, meu dever de Presidente da República e o dever de ter a obrigação de perceber qual é a evolução dos tempos, e ao mesmo tempo o gosto, porque claramente se indicia, para um político como eu, que é por aí que se deve ir. E ao receber o Conselho dos Laboratórios Associados, que me desenhou um quadro de referência muito completo sobre o que cada um dos Laboratórios estava a viver, eu terminei essa audiência corrente, aliás, que se insere noutras audiências e com outras entidades destas áreas, com a seguinte questão dirigida aos Laboratórios Associados: “Que interessante. E porque é que não me propõem um conjunto de iniciativas a que eu daria, com muito gosto, o meu patrocínio?” E assim, passado algum tempo, recebo uma carta do Conselho dos Laboratórios Associados com umas propostas interessantes a que respondi pela positiva. Quero que se perceba, num país muitas vezes dado a lucubrações de todo o tipo, que há uma frase num dos jornais de referência de hoje, que me parece extremamente significativa. O Senhor Professor Sentieiro, no Diário de Notícias de hoje, diz algo que me parece essencial: “Qual é o objectivo desta iniciativa?” É promover, e cito o Senhor Professor, “o debate aberto e rigoroso sobre cada um dos problemas” que enumera anteriormente, mas que Vossas Excelências conhecem bem, “e fora da tensão ideológica em que estas questões têm decorrido”. Julgo que não há melhor maneira de sintetizar os propósitos deste ciclo. E porquê? Porque,

simplesmente, penso que o que nós precisamos ao discutir a ciência é de três elementos essenciais.

Em primeiro lugar, bom senso. A ciência é uma actividade metódica, mas em que há uma disputa sobre financiamentos, orientações, programas, faculdades, centros de poder. E, portanto, para se poder avançar é preciso sobretudo bom senso.

Depois, não somos assim tão ricos que possamos estar continuamente a lançar novas ideias liquidando outras ainda quando elas estão a dar os frutos necessários. Eu penso que Portugal deve ser um país que acrescenta, não um país que elimina, não um país que põe de lado, mas que acrescenta àquilo que vai dando os seus frutos. Só assim adquiriremos uma dinâmica, pois se fizermos continuamente liquidações, óbitos e subtracções, é evidente que não teremos a dinâmica possível nem a dinâmica necessária. O meu ponto de vista tem sido o de que é preciso naturalmente que se some em vez de se subtrair ou de se fazerem inventários depois da morte.

O terceiro elemento é a estabilidade. Penso que não se deve estar sempre a oscilar, para usar um conceito que Vossas Excelências compreendem rapidamente. Se o sistema não for suficientemente estável, para além dos mandatos políticos governamentais, não é suficientemente estável para atrair o crescendo do emprego científico que necessitamos, para atrair os empresários em ligação com os cientistas, com as universidades, com os centros de investigação e vice-versa, e ao mesmo tempo, para que as coisas dêem frutos.

Para que se consiga ter capacidade temporal de mobilizar, de escolher, de priorizar, de ver resultados, de comparar, de ter uma relação internacional sobre eles, tudo isto demora tempo e não pode estar, obviamente, sujeito a uma evolução oscilante.

Peço a todos os presentes que, para citar outra vez o Senhor Professor Sentieiro, olhássemos para este conjunto de conferências a que o Presidente da República empresta, com muito gosto, o seu alto patrocínio, como um desejo de serenidade que desce à comunidade científica, agora numa perspectiva muito mais nacional, uma vez que estando o Presidente da

República e não tendo ele naturalmente nenhuma opção partidária além daquela que de origem é conhecida (e que eu não regateio nem escondo) a verdade é que o Presidente da República tem que olhar para o futuro de Portugal sempre muito para além daquilo que é o dia-a-dia. E o futuro que eu vejo, e que vejo cada vez com maior clareza, é que ou nós conseguimos trazer a ciência, a inovação, a tecnologia, a fabricação de novos produtos, para o quotidiano dos portugueses, como vivência, ou nós estaremos, naturalmente, muito mais periféricos, dum ponto de vista que não necessariamente o geográfico. É por isso que, devo dizer, um país não é apenas o retrato que fazem os seus indicadores económicos, é o conjunto de visões e de aspirações que povoam as mentes dos cidadãos mais empenhados, que exprime uma dinâmica da mudança rumo ao futuro que se deseja, e é a partir precisamente da existência de confiança no que respeita a essa mudança que se pode acolher um clima favorável à inovação, construindo um sistema de inovação moderno baseado, como disse, na Ciência. E é fundamental que os mais jovens – e eu tenho presente toda a evolução numérica do que é que significa licenciados, mestrados, doutorados, e a evolução do nosso conjunto de cientistas – mas é essencial que os mais jovens participem também na construção desse futuro que é, afinal de todos, porque eles são, também, os garantes daquilo que eu penso que é muito importante e de que se fala pouco, os garantes da solidariedade entre gerações. Ora nós, julgo eu, precisávamos há cinco, e há dez, e há vinte, e há trinta anos e continuamos a precisar, nós não temos licenciados a mais, o que temos porventura é emprego a menos. Temos médias europeias baixas em número de licenciados e em número de cientistas, apesar dos imensos progressos que têm sido feitos nos vários domínios. Precisamos por isso de desenvolver como questão essencial para o país, o da valorização de uma cultura do trabalho, do aperfeiçoamento, da qualificação e do domínio das novas tecnologias de base científica, bem como o desenvolvimento, em todas as linhas, da Estratégia de Lisboa, que ainda bem que se chama assim, mas temos de ser praticantes dela, naturalmente. O nome é bom, mas há que tirar do nome aquilo que ele tem, sobretudo na actuação prática.

Portanto, Minhas Senhoras e Meus Senhores, será possível, e eu creio que sim, perante tantos problemas que se põem à evolução da nossa ciência, do emprego científico, dos programas, da tecnologia, do futuro de Portugal, será possível ter neste universo de colóquios um ambiente propício para fazer alguns consensos necessários, pois se nós não conseguirmos ter algo a dez anos ou a vinte, não damos a volta, não temos tempo para dar a volta e nunca a daremos. É preciso recuperarmos o atraso tão sério de que partimos quando a democracia começou, temos de congregiar esforços para ver se conseguimos chegar a políticas que tenham naturalmente o consenso dos agentes políticos e permitam uma conclusão útil, necessária e incontornável, que é fazer avançar a Ciência. É isso que pretendo ao dar o meu apoio e patrocínio a este conjunto de colóquios.

Vou agora sentar-me entre a audiência, vou passar a ouvir pois sempre que puder estarei presente nesses vários colóquios pelo país. Desejo a todos o melhor trabalho possível. E para a Comissão Europeia um voto, tendo a certeza que o Comissário Busquin sabe isso melhor do que eu, que é o de que a Ciência portuguesa continue a afirmar a sua capacidade e a sua categoria. A Ciência não pode ser apenas a Ciência dos grandes países, naturalmente tem que ser uma Ciência europeia, com as variações e as combinações e as cooperações que se entenderem necessárias. Mas queria assegurar ao Senhor Comissário que quem viu o que, como dirigente associativo vi, nas universidades nos anos 60 e quem vê o que vê hoje, para além da democracia, vê uma mudança radical no que respeita à posição dos cidadãos relativamente à Ciência. É em nome dos cientistas que aqui também estou, e portanto agradeço muito a presença do Senhor Comissário. Muito obrigado a todos.